

O DESABROCHAR DA LEITURA E ESCRITA NA INFÂNCIA: UMA PERSPECTIVA REFLEXIVA

Ilaneide Marques Souto Bezerra¹
Ednardo Sousa Bezerra Júnior²
Ilani Marques Souto Araújo³
Aratricia Maria Martins Freires⁴

RESUMO

A efetivação de práticas diferenciadas que contemplam a leitura e a escrita necessitam ser disponibilizados desde a infância, visto que, a possibilidade de se garantir alunos efetivamente leitores está atrelada a qualidade dessa oferta. Essa ideia encontra sentido na perspectiva de que através do ato de ler a criança desenvolverá aptidão para imaginar um ambiente e acontecimentos diferentes, explorar sensações, deixando fluir os sentimentos que o envolvem, agregando sentido a tudo que é e pode ser vivido. Nessa lógica, pode experimentar vivências que oportunizem e consolidem os conhecimentos obtidos em seu processo de aprendizagem. Destarte, acredita-se na necessidade de se trabalhar estratégias que contemplem práticas pedagógicas que busquem incentivar o hábito da leitura e escrita, como atitudes prazerosas, expressivas e imbuídas de significados. Essa pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico com estudo de caso desenvolvido em uma turma de Pedagogia do PARFOR, em Marco-CE, durante a disciplina de Leitura e Escrita. Teve como objetivo fazer uma reflexão mais aprofundada sobre o universo que envolve o ato de ler e escrever na infância, como também analisar coletivamente com o grupo trabalhado, estratégias facilitadoras, prazerosas e motivadoras de leitura e escrita. Os resultados revelam que, um indivíduo que não é exposto a práticas de leitura na infância, conseqüentemente terá um vocabulário mais reduzido e possivelmente apresentará dificuldade para escrever, com isso, as estratégias utilizadas devem ser aplicadas de maneira contínua, prazerosa, desafiadora, lúdica, posto que, devem ser desenvolvidas para além do codificar e decodificar.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Infância. Práticas. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Escrever e ler são consideravelmente uma das principais ferramentas que levam ao conhecimento, posto que, essas práticas são imprescindíveis para o desenvolvimento e

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE; Psicopedagogia; e Gestão Escolar. Professora Formadora II do PARFOR -Curso de Pedagogia da UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ-UVA.

² Licenciado em História pela UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ-UVA.

³ Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Especialista em Psicopedagogia Clínica - INTA e Atendimento Educacional Especializado - INTA.

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em em Atendimento Educacional Especializado – AEE.

aperfeiçoamento de habilidades e competências nos dias atuais. Apesar disso, observa-se habitualmente no cotidiano das instituições escolares e até mesmo no seio da sociedade, uma grande quantidade de indivíduos com pouca afinidade com a leitura e a escrita. É perceptível também que poucas pessoas desenvolvem verdadeiramente a fruição leitora.

É pertinente considerar a leitura como um processo em que o indivíduo atribui significado ao texto, interagindo com o mesmo e construindo a sua própria acepção. A escrita também foi desde os primórdios da civilização essencial a sociedade, embora, em cada época, tenha se desenvolvido de diferentes maneiras. Sucintamente, poder-se-ia se inferir que escrever é grafar figurativamente através de letras e palavras, o que se pensa.

Nesse sentido, entende-se que a aproximação com práticas de leitura e escrita precisam ser oportunizadas desde cedo, tendo em vista que, quanto mais prematuramente for apresentado o universo letrado aos educandos maior serão as chances de se formar leitores eficazes. Por intermédio de práticas eficientes durante esse processo a criança tenderá a desenvolver habilidades para dirigir-se para um mundo distinto, imaginário, concomitantemente, explorá-lo.

Partindo dessa premissa, essa pesquisa teve como objetivo compreender mais precisamente o universo que compreende o ato de ler e escrever, tendo como sujeitos investigados os alunos da turma de Pedagogia do PARFOR, em Marco-CE, além de refletir coletivamente com esse grupo, algumas estratégias facilitadoras, prazerosas e motivadoras de leitura e escrita. Para isso, utilizou-se primeiramente uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e logo após se efetivou discussões e práticas com os sujeitos descritos

METODOLOGIA

Esse artigo é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico com estudo de caso efetivado em uma turma de Pedagogia do PARFOR, no município de Marco-CE, durante a disciplina Leitura e escrita, no período de agosto a setembro de 2017. O método qualitativo vai de encontro aos significados e compreensão dos textos e materiais explorados pelo indivíduo que pesquisa, por suas crenças, pensamento, ação, levando em consideração as vivências.

Ao elaborar a pesquisa bibliográfica desse trabalho consultou-se alguns autores, cite-se entre eles: Carvalho, Cagliari, Ferreiro e Teberosky. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de

fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002, p.45).

Ao refletir sobre a temática abordada, realizaram-se discussões com o grupo de alunos da turma de Pedagogia, além de vivências com a efetivação de práticas onde se trabalhou estratégias para aquisição e aperfeiçoamento da leitura e escrita.

Primeiramente fez-se um estudo teórico acerca dos pressupostos de leitura e escrita, onde foi proposto a todo o grupo um momento de reflexão e análise. Os textos trabalhados, foram selecionados criteriosamente. Em seguida, foram levantados alguns questionamentos para melhor compreensão acerca da temática e apresentadas propostas de atividades que contemplassem o avanço no nível de aquisição da escrita e da leitura das crianças, refletindo principalmente acerca de atividades facilitadoras, prazerosas e motivadoras nesse processo.

Por último, foram refletidas juntamente com o grupo, estratégias motivadoras e desafiadoras que possibilitam a fruição na apropriação da leitura e escrita.

DESVENDANDO O MUNDO DA LEITURA

As variadas estratégias envolvendo as práticas de leitura e escrita tem sido pauta de muitas discussões no âmbito educacional e em diferentes segmentos da sociedade, pois as mesmas são indissociáveis.

Apesar dessa forte ligação, alguns autores, como Grossi (2011), apontam que não há sincronia entre o processo de apropriação entre ambos, enquanto eles se dão. Mesmo assim, é um processo que não se desvincula.

Durante algum tempo, a leitura foi entendida tão somente como uma simples decodificação, onde os sons eram transformados a partir das letras. Recentemente, mesmo com o avanço de inúmeras pesquisas realizadas nos diversos segmentos da sociedade, ainda se tem um expressivo número de pessoas que não conseguiram consolidar a habilidade de ler e escrever, existindo assim fortes indícios que alunos estão terminando o Ensino Fundamental II com fragilidades nessas duas práticas.

A consolidação de leitores eficazes tornou-se um desafio para a escola em todos os lugares, seja no ensino fundamental ou até mesmo nas universidades, educadores relatam que uma grande maioria de alunos tem um baixo desempenho na leitura e não sabe utilizar os livros para estudar. (CARVALHO, 2005)

Ler é uma prática vista muitas vezes apenas como um ato de decodificar o que está registrado, concebendo um conhecimento baseado unicamente na habilidade de memorização,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

assim, à leitura passa a ser algo mecânico, sem significado, e pode causar sérios danos para a vida futura dos educandos. Nessa perspectiva, vale ressaltar que ler é muito mais que a decodificação de letras, pois, além de ser necessário o conhecimento das mesmas é imprescindível compreender o que está escrito, decifrando o seu significado.

Pressupõe-se, todavia, que a leitura é um processo onde o indivíduo atribui significados a algo que lhe é apresentado e interage com o mesmo construindo a sua interpretação, conforme Freire (2001.p.9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Essa assertiva mostra que na realidade o homem lê aquilo que o rodeia, e corroborando com o autor, é válido destacar que tudo o que está no campo perceptivo e visual é uma leitura que pode ser realizada.

Nessa perspectiva, constata-se que as habilidades e competências atreladas à leitura na contemporaneidade tornam-se cada dia mais necessárias e criteriosas. A sociedade se transforma, as pessoas mudam e as exigências vão aumentando. O que era suficiente antes, na sociedade atual já não é. Sendo assim, não basta saber codificar e decodificar letras, é indispensável também transpor o universo que envolve o ato de ler, e, assimilar o seu âmago.

Por conseguinte, percebe-se que ler não é apenas decifrar palavras, mas um exercício de percepção, que pela sua diversidade, torna-se preponderante no mundo atual, onde as exigências são cada dia mais árduas. Assimilar o mundo é sentir o desabrochar de sua essência, acrescentando o pensamento de Freire (1982, p.12): “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Carvalho (2010) apontou também que as vivências precedentes a leitura, no sentido mais amplo, de vida, vão influenciar o leitor e sua capacidade de interpretar e criticar.

Salienta-se que a leitura pode levar a indivíduo a desenvolver um olhar mais atento e sensível ao mundo e em tudo que nele há, oportunizando a capacidade para questionar, analisar, e observar com mais aptidão os fatos cotidianos, posto que, é por meio da leitura que o ser humano vai se tornando capaz de compreender além dos registros escritos, e consequentemente engendrar um mundo de ideias.

Carvalho (2010, p.09,10) nessa mesma linha, discorre a leitura: “[...] como espécie de diálogo, uma troca, uma interação entre o leitor e o autor [...] nesse processo, o leitor constrói os significados do texto e os compreende”.

Cabe ressaltar que, a aprendizagem deve estar direcionada para o exercício da cidadania, em todos os seus aspectos, instigando o indivíduo a ser ativo e o protagonista de

suas decisões, exercendo autonomia de pensamento. Desse modo, ler é uma ação que pode e deve ser praticada por qualquer pessoa em diferentes etapas da vida.

Concomitantemente a reflexão acerca do ato de ler, ressalta-se a influência da escrita, dado que, escrever também requer criatividade, talento e habilidade de lidar com palavras. Vê-se no dia-a-dia das instituições escolares, que as pessoas que se mantêm mais próximas das práticas de leitura desenvolvem maior afinidade com a escrita, uma vez que, a leitura influencia diretamente à escrita.

O MUNDO DA ESCRITA

Pondera-se que, a escrita sucessivamente foi relevante em todos os segmentos da sociedade. À mesma surgiu há muitos anos atrás, e foi representada de diferentes maneiras na história da civilização. A sua história pode ser caracterizada através de fases distintas, são elas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética. (CAGLIARI, 2010).

A primeira fase é vista como a escrita expressa a partir de desenhos, um exemplo claro foi quando os homens primitivos registraram nas cavernas os seus próprios objetos. “As primeiras formas de representação do mundo foram figurativas” (GROSSI, 1990, p. 36).

A escrita ideográfica foi desenvolvida na Antiga Mesopotâmia por volta de seis mil anos atrás, um dos inventos na progressão até a escrita alfabética, agora usada de forma universal.

Deve-se ressaltar que o alfabeto para chegar ao modelo que predomina atualmente passou por grandes transformações.

Sendo assim, escrever é representar de forma gráfica as letras, ou seja, as palavras, o que se pensa. É permitir as diferentes formas de expressões se manifestarem, deixá-las chegarem do lugar mais íntimo de nossa existência. Não se deve, contudo, submeter práticas de escrita forçada, pois esse processo ocorre de maneira natural.

Indubitavelmente, ler, assim como o ato de escrever é uma construção imprescindível em todas as práticas do cotidiano, por conseguinte, devem ser oportunizadas pelos docentes, ações que favoreçam o incentivo as práticas de leitura e escrita, viabilizando assim o aperfeiçoamento de habilidades relacionadas a necessidades da sociedade vigente.

Nesse sentido, a escrita possibilitou aos indivíduos uma maior conscientização sobre os fatos, consentindo assim a organização das ideias e do pensamento.

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA NA INFÂNCIA

Estudo psicolinguísticos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky no livro “Psicogênese da língua escrita” (1999) mostraram uma nova visão para a apropriação da escrita. Apoiadas nos estudos de Piaget, evidenciaram a importância de se compreender o que está por trás das produções escritas dos estudantes.

Segundo essas autoras (1999), a criança escreve de maneira espontânea em seu processo de desenvolvimento, e a partir disso organiza suas próprias hipóteses, dentre elas pode-se citar: Hipótese do número mínimo de caracteres, onde a ela pensa que é preciso um número mínimo de letras, em torno de três para que se possa ler; Hipótese de nome: a criança imagina que apenas os substantivos podem ser escritos; Hipótese da correlação escrita–imagem: percebe a escrita como etiqueta do desenho e acredita que não dá para ler se não tiver figura. E em certo momento percebe que desenhar e escrever uma palavra são duas coisas idênticas; Hipótese da variedade de caracteres: a criança acha que é preciso variar as marcas gráficas para que possa ler. Acredita que marcas ou letras iguais numa palavra não servem para ler como; Hipótese do realismo nominal: a criança pensa que as palavras se escrevem de acordo com as características do objeto, da pessoa, do animal da coisa em si. Exemplo: Escreve a palavra formiga com poucas letras porque a formiga é pequena e a palavra boi com muitas porque boi é grande.

Destarte, é importante refletir acerca dessas suposições de grafia da criança no processo de aquisição da escrita, para que se possa conhecer o que a mesma pensa sobre a escrita, desvendar a lógica empregada, observar se ela sabe por que está escrevendo e para que está escrevendo. Deste modo, é função do professor estimular o educando a externar suas ideias, problematizando as situações vivenciadas com questionamento, e desafiá-lo a evoluir.

As pesquisadoras apontaram que toda criança passa por quatro níveis de apropriação da escrita até que esteja consolidado o processo de alfabetização. Nesse sentido, a criança evolui na aprendizagem à medida que constrói o raciocínio lógico.

Ferreiro e Teberosky (1999) estruturaram os níveis de aquisição da escrita da seguinte forma: Nível 1: Hipótese Pré-Silábica; I; Nível 2: Hipótese Silábica; Nível 3: Hipótese Silábico-Alfabética ou Intermediário II; Nível 4: Hipótese Alfabética.

A caracterização de cada nível não é determinante, podendo a criança estar em um nível ainda com características do nível anterior.

No nível Pré-silábico a criança não relaciona as letras com os sons emitidos pela fala, apresentando unicamente a intenção de escrever por meio de traços lineares com formas

diferentes, utilizando em alguns momentos letras do seu nome ou misturando letras e números em uma única palavra, e faz também leitura global, individual e instável do que escreve. É habitual que somente o indivíduo compreenda o que escreveu.

A superação desse nível se dá a partir do momento em que a criança começa a perceber que a escrita é a representação da fala e escrever é diferente de desenhar. Começa a entender também que um texto é construído com letras e essa mesma letra pode ser utilizada duas ou mais vezes dentro uma única palavra.

No nível Silábico a criança interpreta a letra do seu jeito, atribuindo valor de sílaba a cada uma e começa a desvincular a escrita das imagens e os números das letras, conserva as hipóteses da quantidade mínima e da variedade de caracteres. Descobre que o número de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. “Pedaços sonoros”, essas partes são as sílabas e em geral, a criança faz corresponder uma grafia a cada sílaba.

Com efeito, neste nível a criança precisa perceber que dentro de uma palavra a letra é a menor unidade, e a partir dessa percepção compreender a relação de sons na palavra, associando fonema (som) e grafema (escrita). Descobrem ainda que palavras diferentes se escrevem de maneira diferente, superando assim a hipótese usada na variedade de letras e número mínimo de letras e de que uma letra pode se repetir numa palavra.

No nível Silábico-alfabético, a criança combina a lógica da fase anterior com a construção de algumas sílabas. Existem duas formas de correspondência entre sons e grafias: silábica (sílabas é o som produzido por uma só emissão de voz) e alfabética (análise fonética e/ou análise dos fonemas, que são os elementos sonoros da linguagem e têm nas letras o seu correspondente).

A criança escreve parte da palavra usando o nível silábico, acreditando que para escrever uma sílaba utiliza-se apenas uma letra. Normalmente usar somente as vogais, porque combina com uma porção de palavras, mas para uma palavra, não pode repetir a mesma letra duas ou mais vezes numa escrita, pois assim o resultado será algo não legível.

Nesse nível o aluno necessita saber a relação de fonema x grafema, perceber que a sílaba pode possuir duas, três ou mais letras, saber separar as palavras quando escreve um texto.

O nível silábico-alfabético caracteriza-se pela passagem entre a lógica construída no nível anterior e os esquemas que serão consolidados no futuro. As crianças iniciam a descoberta de que a sílaba pode ser escrita de forma diferente combinando mais letras, que o

som nem sempre vai garantir a identidade de letras, nem a identidade de letras a de sons, evoluindo para o nível seguinte, o alfabético.

No nível alfabético a criança domina, enfim, o valor das letras e sílabas. Nesse período, percebe a distinção entre letra e sílaba, palavra e frase. A análise se aperfeiçoa e é possível a compreensão de que uma sílaba pode ter uma, duas ou três letras, no entanto, ainda pode se confundir, ou se esquece de algumas letras. Muitas vezes centraliza sua escrita na sílaba, perdendo a noção do todo. Portanto o trabalho com sílabas é essencial e possibilita uma consolidação desse processo.

Arrima-se pela citação supra que no nível alfabético a criança necessita entender que a escrita é uma representação da fala, todavia, certas palavras não são escritas da mesma maneira que as pronunciamos. Nesse nível cabe ao professor instigar os alunos a se deterem nas normas convencionais da língua, para compreendê-las mais significativamente e propor situações que os levem a perceber as regularidades e irregularidades da língua.

Nesse entendimento, infere-se que nos processos de apropriação da escrita mencionadas acima, a escrita da criança não resulta de uma simples cópia, mas é uma progressiva construção pessoal. Assim, a evolução nos níveis só ocorrerá quando a mesma se defrontar com situações as quais o nível em que se encontra não tiver explicações, assim ela elaborará novas suposições e novas questões, e assim por diante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as discussões realizadas com os alunos de Pedagogia do PARFOR de Marco-CE, constatou-se que a falta de habilidade com a leitura e escrita é uma constante até mesmo entre os alunos universitários.

É perceptível o quanto as pessoas leem pouco e mais ainda, o quanto o mundo da leitura e escrita precisa ser explorado entre os estudantes de Pedagogia. Todavia, na trajetória traçada, durante as discussões teóricas, foi gratificante perceber o quanto o tema em questão é atraente e envolvente, principalmente em se tratando do processo de aquisição da escrita. Por mais que, aprender a ler e escrever na infância ainda sejam para alguns um “bicho de sete cabeças”, entende-se que certas práticas educativas podem ser facilitadoras desse processo. Não basta para isso, ensinar uma criança a codificar e decodificar o sistema linguístico é preciso estimulá-la a pensar sobre suas próprias produções.

A partir das práticas vivenciadas foi possível perceber que o processo de apropriação da escrita e da leitura pode ser explorado de maneira prazerosa, a partir de ofertas de

atividades que estimulem cognitivamente o educando, como jogos, adivinhas, rimas, brincadeiras, histórias, entre outros.

A leitura deve ser iniciada com textos pequenos e posteriormente os mais longos. Corroborando com essa assertiva, Saldanha (2011, p.1) aponta que: “o processo deve ser gradual, crescente e sistemático até que se chegue a um nível de excelência satisfatório às necessidades do indivíduo”.

Os alunos da turma de Pedagogia do PARFOR reconhecem que do hábito da leitura e da escrita dependem outras habilidades oportunas ao processo de aprendizagem. Observou-se também que um aluno que não é envolvido nas práticas de leitura, desenvolverá um vocabulário reduzido, terá dificuldade para escrever, analisar, pesquisar, resumir e posicionar-se. Nesse sentido, compreende-se que as estratégias adotadas devem ser de natureza contínua, lúdicas e prazerosas e quanto mais cedo forem trabalhadas, maior será a sua eficácia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler, não é apenas desvendar palavras ou decifrar letras, ler é uma atividade de compreensão, de apropriação de um mundo que é cheio de mistérios. A leitura é antes de tudo, entender o mundo, ou seja, abstrair o melhor de sua essência e esse encantamento pode ser desabrochado ainda na infância.

Escrever é uma prática que exige imaginação, destreza e capacidade de lidar com o mundo das palavras. As pessoas que desenvolvem o hábito de ler têm uma maior afinidade para escrever, tendo em vista que, a leitura influencia muito em relação à escrita e é a realização do objeto da mesma. Nesse sentido, são duas habilidades consideradas indubitavelmente indissociáveis.

Esse trabalho fortaleceu a compreensão que nunca é demais refletir acerca das práticas de leitura e escrita dentro das universidades, mais especificamente nos cursos de licenciatura, pois, se faz necessário que os futuros educadores se apropriem mais fortemente da ideia que ler e escrever são práticas que devem ser incentivadas a partir da infância, posto que, quanto mais cedo for estimulado e apresentado o mundo letrado através dos livros, maior será a probabilidade para o desenvolvimento de alunos leitores.

Destaca-se ainda que a leitura e a escrita suscitam novas aprendizagens, possibilitando a construção e o fortalecimento de ideias e ações. Nesse sentido, um bom leitor tem a possibilidade de compreender a riqueza do aprender, e entender o universo que permeia a sua volta.

Pelo exposto, depreende-se que, ler e escrever oportuniza ao indivíduo o aprimoramento na sua forma peculiar de ver o mundo, possibilitando que o mesmo posicione-se criticamente e seja capaz de analisar e observar com mais propriedade os acontecimentos, uma vez que, o ser humano pode se tornar uma pessoa capaz de transpor o universo dos códigos escritos, e construir ideias.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A leitura como paixão**. 1.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 1º Ed, São Paulo: Spicione. 2009.
- CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. 1. Ed, São Paulo: Ática. 2010.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar letrando: da oralidade a escrita**. 9º ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 29. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática dos níveis pré-silábicos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** Rio de Janeiro: Vozes, 1994
- MEIRELES, Cecília. **Criança, meu amor**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo e Oliveira. CASTRO, Juliana Cabral de. **Usando textos na sala de aula: tipos e gêneros textuais**. 3ª Ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008.
- SILVA, E. T. da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2000.
- SIMONETTI, Amália. **O desafio de alfabetizar e letrar**. Fortaleza: Imeph. 2007.
- TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.